

APRESENTAÇÃO

O tema da memória ambiental, foco deste livro, está vinculado desde a origem, em 1997, à criação do projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais em sua pretensão de montagem de um museu virtual da cidade, estruturado sob a forma de coleções de imagens, reunidas a partir de pesquisas etnográficas multimídia realizadas por nós, nossos bolsistas e pesquisadores em antropologia no contexto metropolitano, além de uma etnografia de acervo através da busca de imagens em coleções publicadas ou em originais em acervos públicos ou privados. Este projeto é vinculado ao Laboratório de Antropologia Social, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo recebido, ao longo destes anos, financiamento da FAPERGS, CNPq, CAPES e o apoio incondicional de nosso PPGAS, em Porto Alegre, RS, Brasil.

Observem, leitores e leitoras, que todo o esforço intelectual que temos realizado, até os dias de hoje, para a sistematização dos estudos antropológicos acerca das tecnologias digitais e eletrônicas, assim como da produção de etnografias em hipermídia sempre se orientou para a compreensão dos temas da memória coletiva e do patrimônio etnológico no/do mundo urbano contemporâneo (Eckert e Rocha, 2013, 2015; Rocha e Eckert, 2000, 2014, 2016), desde a perspectiva dos estudos do Imaginário, e não pela “coisa em si”.

Ao nos propormos ao desafio de uma pesquisa etnográfica sobre a memória ambiental dos habitantes na cidade, buscamos a interlocução com mulheres, homens, idosos e jovens sobre suas experiências no fluxo do tempo, tanto quanto investigamos no acervo de uma comunidade urbana. Mergulhamos nas múltiplas imagens que contribuíram para moldar os pensamentos e as ações do seu ser e estar no mundo, no interior de uma narrativa de si no “Tempo”. Tais imagens (orais, escritas, fotografadas, desenhadas, filmadas, sonoras gravadas, pintadas, bordadas, esculpidas etc.) produzidas por nós, ou por outros narradores urbanos, descrevem, por sua vez, distintas modalidades simbólicas de controle do tempo, construídas e reconstruídas, eterna e constantemente, no inte-

rior de uma bacia semântica na qual seu corpo coletivo nasce, cresce e, por vezes, morre.

Estimada leitora, estimado leitor, que experiências de interação com os lugares nos quais você vive ou viveu seriam aquelas escolhidas para contar a sua vida? Que paisagens a sua imaginação descreveria para falar sobre suas memórias de infância, de juventude ou de vida adulta? Que territórios você selecionaria para descrever os afetos e emoções que lhe vinculam a alguns espaços específicos de uma cidade, como praças, jardins, arvoredos ou matas, rios, sangas, riachos, pomares? Quais as reminiscências que você tem dos eventos críticos de estiagens, de chuvas ou de enchentes, de tormentas, de acidentes ambientais ou mesmo ecocídios que abalaram a sua vida cotidiana ou de seus próximos? Que cenários idílicos lembram piqueniques no dia das crianças ou viagens inesquecíveis? Quais os sons e cores que despertam suas memórias quando recorda de acontecimentos nas ruas e nos bairros em que viveu? E as praças, parques e praias? De quais as árvores, em algum “pátio” de seu convívio, você recorda, tomando o chimarrão à sombra? Que animais lhe foram de estimação ou lhe amedrontaram, ou quais animais ameaçados de extinção lhe deixam inconformados? Ou como lhe afeta a ausência de políticas ambientais efetivas que garantam a duração do bioma em que a humanidade caminha?

Estas perguntas têm um ponto em comum, a reflexão sobre imagens que habitam nossas memórias para operacionalizar os tempos pensados e vividos nos contextos que indiciam nossas experiências e norteiam nossas ações no presente. Isso implica considerar as imagens que partilhamos nos processos históricos que ritmam o fluxo de nossas vidas. Vidas humanas são figuradas em um mundo de símbolos que emanam em nossas trajetórias sociais, nossas experiências corporais, nossos processos subjetivos, nossas múltiplas relações e interações em um complexo ecossistema. Os cenários que contemplam nossas experiências são aqui concebidos na inteligibilidade narrada daqueles que se confrontam com a matéria perecível do Tempo, parte das trocas incessantes que construímos com o ambiente cósmico onde nossa existência se expressa.

Sob as pressões das ambiências históricas e sociais, tais constelações de imagens (e suas formas expressivas as mais diversas), transformam-se de uma geração para a outra e moldam os pensamentos e ações de seu ser e estar no mundo, num jogo constante de forças e de níveis de interações entre ambos. As imagens videográficas, fílmicas, sonoras, literárias, iconográficas, poéticas, escultóricas, figurativas ou não, não podem ser, assim, pensadas isoladamente, porque as imagens dialogam umas com as outras, no plano do Imaginário, e não de forma arbitrária, mas segundo os gestos humanos e as matérias que elas evocam.

Nosso desafio é o de propor, em termos teóricos e metodológicos, uma etnografia da duração, inspiração que concebemos a partir da leitura da obra de Gaston Bachelard, em especial *A dialética da duração* (1982) e *A intuição do instante* (1992), aplicada aos estudos da memória ambiental e das paisagens urbanas. Isso alude à sugestão de que, para nós, nossas pesquisas contemplam necessariamente uma imersão nessa dialética sistêmica e mutante dos símbolos que unem os habitantes das cidades ao seu meio cósmico e social. Etnografamos as imagens de todos os gêneros e estilos: escritas, fotografadas, desenhadas, filmadas, discursadas, esculpidas ou gravadas em toda a sorte de suportes, as quais evocam e convocam umas às outras, em múltiplas articulações, segundo seus isomorfismos, e que, arranjadas em constelações, expressam tanto ordens de saberes quanto ordens de realidades (latentes ou manifestas) para o fenômeno urbano característico de nossas sociedades complexas, urbanas e tecnoindustriais.

Pouco a pouco, fomos divulgando nossas reflexões em livros, artigos, teses e dissertações e foi possível tecer uma rede de pesquisa, de ensino, de aprendizagem, de troca acadêmica e intelectual, como fica evidenciado nos autores e nas autoras que contribuem para a publicação deste conjunto de estudos vinculados ao desenvolvimento do projeto BIEV. De nossos questionamentos teóricos e conceituais, oriundos de campos diversos como os da Antropologia Social, Antropologia Urbana, Antropologia Audiovisual, Antropologia da Imagem e Antropologia Ambiental, surgiram outros tantos, por meio dos quais fomos reifi-

nando na pesquisa etnográfica a dimensão do Tempo, entrelaçando-o com os estudos dos processos e das manifestações culturais, das formas sociais, das estruturas e ações políticas nos contextos das metrópoles contemporâneas.

Para este desafio, encontramos um caminho intelectual singular apoiando-nos em algumas obras centrais, mas sempre atentas ao leque ilimitado de autores e tradições intelectuais que tivemos a oportunidade de conhecer e, em todos, buscando apoio conceitual. São intelectuais cujos pensamentos convergem em alguns momentos, e/ou bifurcam-se, em outros, ou pertencem a diferentes gerações. Citemos nossos orientadores de mestrado, dois exemplos paradigmáticos para a nossa formação, como Gilberto Velho e Ruben George Oliven. Esses autores e suas reflexões sobre a complexidade das formas de vida social no interior das sociedades complexas despertaram-nos para os fenômenos da descontinuidade/unidade, universalismo/localismo que acompanham a configuração dos grandes centros urbanos, ou seja, a dimensão que regula as trocas simbólicas entre seus habitantes. A partir de suas obras, podemos citar uma geração de narradores urbanos, brasileiros e estrangeiros, que, com base em pesquisas etnográficas, nos trazem sustento conceitual (Eunice Durham, Roberto Da Matta, Ruth Cardoso, Hélio R. da Silva, Tereza Caldeira, Alba Zaluar, Antônio Arantes, William Foote Whyte, Michel De Certeau, Colette Pétonnet, Michel Maffesoli, Pierre Sansot, Ulf Hannerz, Erving Goffman, Alfred Schutz, Norbert Elias, Richard Sennet, Ariel Gravano etc).

Assim foi que nosso Projeto avançou, cruzou décadas, e a obra que estamos apresentando neste momento aos leitores e às leitoras é uma de suas evidências, do esforço coletivo de inúmeros colegas que atuaram junto ao BIEV. Um trabalho coletivo que nos tem brindado, desde então, com a profusão de novas formas de leituras e escritas, sempre plurais, para a compreensão dos sistemas de vida que configuram o patrimônio da humanidade que são as sociedades complexas (Velho, 1981). Trata-se de um percurso intelectual onde sempre fomos motivadas pelo desafio da densa descrição do ritmo de suas pluralidades

temporais (Bachelard, 1982), que regulam, no presente, as formas de ocupação e o destino das nossas atuais paisagens citadinas, captando as trajetórias sociais, os itinerários, os percursos e deslocamentos dos indivíduos e/ou grupos urbanos, tanto quanto as narrativas por meio das quais os habitantes acomodam os mitos históricos herdados de seus antepassados nos espaços por eles praticados.

Para decifrar os sentidos do que apresentamos neste livro, precisamos ter em mente que a chave interpretativa é o Tempo e que o conceito chave é o da memória ambiental, narrada no interior de uma inteligibilidade que abriga um espaço fantástico, fruto de uma poética do devaneio por meio do qual todos nós modelamos simbolicamente o tempo no interior de uma duração. Tudo aquilo que nos cerca, o “mundo das coisas”, se torna um lugar do “ser no mundo”, nos termos de Gaston Bachelard (1982), “ambiente” habitado por nossos sonhos e desilusões, nossas conquistas e fracassos, isto é, uma obra da cultura humana. Esse é o ponto de onde, prosseguimos em nossas interrogações antropológicas sobre o lugar do “ambiente” para os jogos da memória na perspectiva de nossos estudos de uma etnografia da duração.

Estudar a memória ambiental é rememorar paisagens que, para nós, não mais se encontram nos mesmos lugares, que mudaram suas feições e que perderam sua antiga vibração, mas que, hoje, ainda provocam a imaginação criadora de outras gerações, e por razões diversas das nossas. Sem dúvida, os eventos, os acontecimentos e as situações ditas ambientais assinalam rupturas e perdas para as vidas humanas, às vezes traumáticas, às vezes agradáveis. Mas não nos esqueçamos de que, em todos os jogos da memória ambiental, estão presentes outros humanos e não humanos, uma vez que o ambiente cósmico é igualmente social. Nunca estamos sós, como disse H. Wallon em 1959 (Wallon, 2020), somos todos, queiramos ou não, “geneticamente sociais”. Em todo e qualquer extrato de uma memória ambiental, podemos ver o reflexo do Outro, além de nós mesmos. As múltiplas alteridades com que nos relacionamos, sempre em fluxo, figuram em nossos estudos de memória ambiental, sem esquecer a presença de técnicos, especialistas e políticos que participaram, ainda que indiretamente, das nossas experiências no mundo. Neste ponto, para se investigar a memória ambiental, revela-se

imprescindível percorrer as pesquisas das políticas de Estado e das políticas públicas ao longo do tempo em referência aos lugares, territórios e regiões por nós estudados, levando-se em conta a microfísica dos poderes e dos conflitos que organizam o universo das civilidades.

Com tais considerações iniciais, buscamos sensibilizar os leitores e as leitoras a descobrir os capítulos deste livro que perseveraram na maior parte de nossas pesquisas, desde o tempo fundacional do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Biev, quando elaboramos o Projeto Integrado de Pesquisa, reunindo nossas pesquisas individuais, com financiamento conjunto da FAPERGS e do CNPq. Um projeto que consolidou uma trajetória de pesquisa iniciada nos anos 80, no Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS e ao Grupo de Estudos em Antropologia Simbólica/GEAS (criado por nós e algumas colegas do curso de mestrado), e que continuou com o nosso doutorado, na Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, com financiamento da CAPES e CNPq, nos idos dos anos 90.

Vários temas têm sido, desde então, importantes para nós e para nossos estudantes, muitos dos quais bolsistas (FAPERGS, CNPq, PROPESQ-UFRGS), e os pesquisadores associados aos subprojetos do BIEV, como, por exemplo, a vida cotidiana dos habitantes nas metrópoles contemporâneas, em seus arranjos sociais, suas práticas e saberes de trabalho, as formas de sociabilidade e estilos de vida, as biografias e envolvimento em projetos públicos atentos às transformações das políticas urbanas e dos ordenamentos jurídico-legais para os usos de seus territórios. Tornamo-nos cada vez mais interessados, todos nós, no estudo das trajetórias sociais, dos itinerários dos grupos urbanos, da memória coletiva e do patrimônio etnológico no contexto dos centros urbano-industriais, assim como da criação das múltiplas formas de arte e estética urbana, formas de interações e ações críticas nos espaços praticados. E, finalmente, do mundo ambiental e dos impactos que dele derivam para a vida de seus habitantes. Em todas essas pesquisas, o uso dos recursos audiovisuais e das tecnologias possibilitadas pelas redes digitais e eletrônicas acompanhavam-nos durante o trabalho de campo e prosseguiam no pós-campo, sempre motivadas pelas ricas possibilida-

des de criação de novas formas de narrativas etnográficas para expressar a compreensão do mundo urbano contemporâneo, tornando-as, assim, acessíveis aos nossos parceiros de pesquisa tanto quanto aos interessados nos resultados de nossos estudos.

Nesse longo caminho, evidenciava-se cada vez mais para nós a importância de compreender, sob a ótica dos jogos da memória, as dimensões das trocas incessantes, dos deslocamentos e dos fluxos no plano do imaginário, uma totalidade sistêmica entre seus saberes cotidianos e suas práticas ordinárias. E é neste momento que o conceito simmeliano de “paisagem”, de 1957 (Simmel, 2009) se tornou fundamental para nós em seu estreito diálogo com o conceito durandiano de “bacia semântica” (Durand, 1984), revelando em nossas pesquisas a singularidade dos estudos de memória ambiental como expressão de processo que emerge de uma convergência simbólica de imagens. Os jogos da memória contemplam certos arranjos de coleções de imagens, as quais, dispostas em torno de determinados núcleos de sentido, sob a forma de constelações, e segundo certas homologias, revelam o percurso singular de uma determinada comunidade de destino em seus territórios de vida.

Um percurso que, como nos alerta Gilbert Durand (1984) em seu conceito de “trajeto antropológico”, nasce e prospera no interior de uma matriz simbólica, a do gesto humano em direção à matéria do seu mundo cósmico, não sendo, portanto, aleatória. Bem ao contrário, ele nasce no interior de uma “tópica sociocultural” (Durand, 1998) de onde emergem as imagens que os indivíduos, grupos sociais e coletivos, constroem para si no diálogo com lugares e territórios onde suas vidas transcorrem. E, mais ainda, mesmo considerando a sua espontaneidade “mitogenética” de origem, para os estudos da memória ambiental, no plano individual ou coletivo, as imagens descrevem o percurso temporal que compreende diferentes níveis e forças: potencialização/heterogeneização e atualização/homogeneização (Durand, 1998). Isso nos obriga a conhecer não apenas as dominantes que estão presentes nos arranjos estabelecidos entre as sociedades humanas com seus territórios de vida, numa determinada época, mas a bacia semântica na qual foram “confeccionados”.

A aplicabilidade do conceito de “tópica sociocultural”, assim como o de bacia semântica para o estudo da memória ambiental, pelo viés de

uma etnografia da duração, permite-nos, assim, discernir o espaço das produções políticas, ideológicas e científicas, tanto quanto os produtos culturais que resultam, em especial, no nosso caso, do processo civilizacional que deu origem às metrópoles contemporâneas e seus centros urbano-industriais-tecnológicos.

Assim sendo, como parte do “patrimônio da humanidade”, a cidade e o fenômeno urbano passam a ser pensados no interior de uma “bacia semântica”, segundo as constelações de imagens e os núcleos de significações que elas evocam nas memórias de seus habitantes e por meio dos quais é possível, ao etnógrafo da duração, o acesso à reserva mitológica herdada por eles de seus antepassados (os mitologemas), tanto quanto ao fluxo rítmico dos instantes responsáveis pela fundação do corpo coletivo ao qual se sentem pertencentes (os ideologemas). São ideologemas e mitologemas (Durand, 1998) que podem ser acessados por nós, antropólogos e antropólogas dedicados à pesquisa na cidade, através do estudo da rítmica das memórias das paisagens urbanas narradas, vividas e pensadas por nossos parceiros e parceiras de pesquisa. Portanto, para o autor, sob a perspectiva dos estudos do Imaginário, essas constelações de imagens estão situadas em regimes antagônicos (diurno e noturno), mas complementares, que se polemizam no plano das estruturas esquizomórficas (por um lado) e mística (por outro), mas que são articulados entre si por uma terceira estrutura (a estrutura sintética, igualmente pertencente ao regime noturno).

Com essa base intelectual, para nós, o estudo da memória ambiental significa pensar o dinamismo das relações entre cidade e natureza a partir, de um lado, da organização dinâmica das imagens relacionadas, no tempo, aos gestos e às formas de ocupação de um ambiente cósmico por um determinado corpo coletivo, nos moldes de um “trajeto antropológico” (Durand, 1984). De outro, a partir do estudo dos vestígios, dos indícios e dos rastros deixados por tais vestígios e complexas formas nas obras que decorrem desta ocupação por nos conduzirem a descobrir, na redundância de esquemas que acompanham épocas históricas, a “bacia semântica” à qual pertencem.

Há, portanto, uma dimensão estética nos estudos de memória ambiental. O “ambiente” não existe assim, por si mesmo, mas como parte

do trajeto antropológico que configura a própria humanidade e dela faz parte, numa interação constante e indissociável.

Nesta comunidade de interpretação, acrescentamos a importância de autores como Pierre Sansot, sobre a dimensão poética e sensível dos/nos estudos da paisagem urbana, Michel Maffesoli e o paradigma estético aplicado ao estudo do conhecimento ordinário e do processo de barroquização do mundo na contemporaneidade e, finalmente, em especial, das obras de Gilbert Durand, já comentadas anteriormente, tais como *Ciência do Homem e Tradição* e *As estruturas Antropológicas do Imaginário*, versando sobre a fantástica transcendental, o trajeto antropológico e o método da convergência, assim como de seus tratados de metodologia. Em consonância com tais autores e obras, a pesquisa conduziu-nos à releitura dos estudos de Gregory Bateson sobre o enquadramento (*framing*), os processos comunicacionais, a ecologia da mente e a teoria do duplo vínculo. Todos esses autores conduziram-nos, finalmente, a situar o tema “ambiental” no interior de nossos estudos antropológicos sobre o Tempo, com base na etnografia da duração na decifração dos arranjos da vida social, no contexto das metrópoles contemporâneas.

Assim foi que a nossa proposta inicial de pesquisa, antes orientada para a criação de novas possibilidades de acesso, apropriação e reinvenção de acervos digitais multimídia na Internet, reunindo os fragmentos da memória coletiva e do patrimônio etnológico de uma comunidade urbana, acabou nos encaminhando para a descoberta de novos horizontes para a produção do conhecimento antropológico. E é ao longo de um tal percurso que esta obra se situa, na esperança de que ela possa nos levar a outros lugares e outras formas de pensar as metrópoles contemporâneas, cada vez mais em termos de um ecossistema sustentável.

Consequentemente, cada um dos capítulos que fazem parte desta coletânea estão problematizando os arranjos entre as complexidades urbanas e o que se costuma nominar de “ambiente”, ou os dilemas do que antes denominávamos de Natureza, em seu diálogo com a Cultura ou a Sociedade, ou, ainda, o que mais recentemente se pretende investigar, em sua nova roupagem, como parte dos estudos antropológicos sobre

as relações entre Humanos e Não-Humanos, o que, de todas as formas, e sob todas as vestes, sempre foi e tem sido objeto do conhecimento antropológico.

Para consolidar ainda mais o que denominamos de estudos de memória ambiental no âmbito dos estudos de Antropologia urbana, tanto quanto Antropologia audiovisual e da imagem, convidamos colegas de uma rede de intercâmbio de pesquisa, da Universidade da Geórgia, nos Estados Unidos, onde desenvolvemos um período curto de pós-doutorado, em 2018, assim como colegas e parceiros de décadas de pesquisas cujos trabalhos estão aqui presentes. Entre eles, ex-orientandos (e orientandas) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, hoje professores em diversas universidades no Brasil afora e no Chile. O convite era para que eles e elas retomassem suas pesquisas de mestrado, doutorado ou pós-doutorado, agora sob a ótica do estudo cuidadoso da sinuosidade que abarca o desenho do Tempo nas formas diversas com que a vida urbana dialoga com o meio cósmico e onde elas fincam suas raízes.

Quem abre nosso livro são, portanto, nossos colegas, os pesquisadores do *Human and Environmental Change Lab*, Cydney K. Seigerman, Raul L. P. Basílio e Donald R. Nelson, com o Capítulo 1, intitulado *Secas entrelaçadas: uma abordagem integrativa para explorar a sobreposição parcial e as divisões volúveis entre definições, experiências e memórias da seca no Ceará, Brasil*.

Nossos colegas apresentam a perspectiva da memória “socioambiental” das relações humanas com a água sob o olhar pelo seu oposto, a ausência deste “recurso” ou a sua escassez, a seca, e nos termos de seu “ciclo hidrossocial” e de sua distribuição diferencial. No diálogo com as pesquisas e dados desenvolvidos por técnicos e especialistas da área de recursos hídricos no monitoramento do regime das águas no Ceará, Brasil, os autores apresentam-nos o recorte da ecologia política para os estudos das “paisagens hídricas”.

Ao examinarem as experiências locais vividas pelo habitantes do “Vale do Jaguaribe”, com a escassez de água, a leitura do capítulo nos lembra que as lembranças dos moradores locais com a seca remetem, em inúmeros casos, às formas como técnicos, especialistas e políticos

conceberam, ao longo do tempo, o sistema hidrológico para a região, tendo como foco o abastecimento de água para a capital, Fortaleza; uma perspectiva não apenas teórica, mas epistemológica, que nos convida a ampliar a perspectiva dos estudos da memória ambiental incorporando a sua dimensão “socioecológica”. Neste capítulo, salientamos a relevância de congregarmos em nossas pesquisas o estudo das políticas regionais, dos programas governamentais, os modelos hidrólogos, entre outros, como importantes “lugares” nos quais, nas modernas sociedades complexas, se enquadram muitas das lembranças dos indivíduos e/ou grupo humanos com as águas, em sua abundância ou escassez.

O Capítulo 2 é de autoria de Flávio Leonel Abreu da Silveira, intitulado *As paisagens do bairro Lami na cidade de Porto Alegre (RS): bugios e figueiras no mundo urbano contemporâneo*. Neste capítulo, Flávio aborda o tema da memória ambiental, levando-nos para as paisagens, no bairro Lami, na parte mais austral da capital do Rio Grande do Sul. O autor detém seu olhar nas relações entre humanos e não-humanos e seus espaços “co-existenciais” no contexto metropolitano porto-alegrense. Num diálogo original com os estudos de ecologia, Flávio permite-nos contemplar de forma diferenciada as formas de vida social nos grandes centros urbanos. Numa proposta de uma ecoantropologia urbana, nos introduz no interior de tensões e de arranjos que configuram o “coletivo híbrido” do bairro Lami, onde os bugios e os moradores locais dividem seus espaços. Sem dúvida, um enfoque *sui generis*, que nos possibilita pensar os grandes centros urbanos desde a perspectiva de “sociedades multiespécies”, onde os jogos de memória dos seus habitantes contemplam experiências com “alteridades mais que humanas”. O autor desafia-nos, de forma original, a pensar a memória ambiental nas/das grandes metrópoles nos moldes de um estudo de ecossistemas culturais. E, com esse olhar, podemos observar que, hoje, nas “feições paisageiras” do bairro Lami, ainda reverberam, na relação humanos/não-humanos, os jogos da memória ambiental a fundação da capital gaúcha; um território de “tensão biocultural” que expressa, sob muitos ângulos, as “trajecões” dos grupos humanos que por ali passaram e daqueles que ali se estabeleceram.

Também Fernanda Rechenberg nos leva ao bairro Lami. Fernanda é a autora do capítulo 3, com o título “A reserva é nossa”. *Embates e pertencimentos em uma unidade de conservação no bairro Lami (Porto Alegre, RS)*. Tendo por base a pesquisa apresentada no seu mestrado, Fernanda convida-nos a conhecer o bairro a partir de seus dramas e tramas. O Lami é conhecido por suas praias, seu contexto bucólico rururbano, mas também por conter uma área de preservação ambiental denominada oficialmente de Reserva Biológica do Lami, a partir de 1975.

Em um exercício etnográfico intenso, Fernanda apresenta-nos os personagens deste contexto, homens e mulheres em suas memórias de trajetos pessoais e da coletividade. Mergulhados em práticas tradicionais, como pesca, agricultura, pequeno comércio ou atividade fabril, os moradores estão habituados a transitar em uma extensa territorialidade de pertença ambiental. Mas o tempo da experiência de campo (2005-2006) testemunha mudanças políticas que acabam por afetar a gestão do parque ambiental. Uma nova administração altera as diretrizes do plano de manejo e impõe uma série de regramentos que surpreendem os moradores locais em suas práticas tradicionais de uso da territorialidade.

Ao ver seus direitos ameaçados, a comunidade local se mobiliza, contrapondo-se às imposições que se atravessam aos seus valores e práticas de uso da territorialidade. Ao mesmo tempo, entende as contradições entre reformas impostas pela administração municipal, ao sobrepor transformações no bairro para privilegiar a circulação turística (calçadão na praia), em detrimento de um ambiente local natural em suas areias e praias, enquanto impõe regras de limitação do uso do parque natural. Atravessados por razões de pertença territorial e sustentados em suas memórias, a autora está atenta à observação e à escuta desses dilemas e acompanha o enfrentamento de seus interlocutores a essa ambientalização do conflito. Relata esta dramática em torno de uma agitação de direitos que revela narrativas afetivas e de familiaridade ao livre acesso, ao uso tradicional de trabalho, contemplação e congregação. A autora tece esses fios da vida cotidiana, evidenciando a memória ambiental.

O capítulo 4 é de autoria de Gianpaolo Knoller Adomilli, com o título *Um percurso de (re) existências em águas salgadas: notas sobre mobilidade e memória do litoral em uma comunidade pesqueira do extremo sul do RS-Brasil*. Trata-se de uma parte da pesquisa concebida pelo autor

no seu programa de doutoramento, uma etnografia junto a pescadores embarcados de São José do Norte (Rio Grande do Sul).

O relato da pesquisa de Adomilli leva-nos a uma cidade de paisagem idílica, com praias e fronteiras difusas entre a pequena cidade de pescadores de São José do Norte e a cidade portuária de Rio Grande, de grande potencial industrial. Também as áreas aquíferas são plenas de fronteiras difusas, situada entre ‘dois mares’: o ‘mar de dentro’, referência ao estuário da Lagoa dos Patos, e o de fora, o Atlântico; denominada pelos pescadores de “oceano” ou “lá fora”, explica o antropólogo.

O autor vai tecendo as redes de amizade, confiança e reconhecimento dos processos de trabalho, de transmissão intergeracional do ofício da pesca, da confecção das redes, das habilidades da/na prática, e das artes de navegação, circunvagando pelo mundo da pesca.

No acompanhamento da pesca lagunar e marítima e no reconhecimento desta arte de pescar, temos um trabalho marcado de desafios de conhecimento e prática. Na etnografia junto aos pescadores locais, relata suas atividades e a complexidade das trocas e circulação dos produtos. É um mundo de trânsitos entre mar e terra, barcos e cidades, famílias e comunidades que Adomilli vai desvendando pela regularidade da vida cotidiana, atento às narrativas urdidas que configuram as memórias ambientais, as inseguranças e os conflitos cíclicos.

Rafael Victorino Devos tem sua tese de doutorado vinculada ao tema da água, que revisita no capítulo 5, intitulado *Porto Alegre sob(re) as águas: memória ambiental em tempos de Antropoceno*. Nosso antigo parceiro de pesquisa por alguns anos junto ao BIEV amplia nossas preocupações com o tema da memória ambiental, estreitando os laços que unem seus estudos com aqueles dos eventos críticos (grandes inundações, secas extremas, tempestades devastadoras, incêndios incontrolláveis, epidemias etc.), destacando, sob a ótica dos narradores urbanos atingidos por tais catástrofes, as dinâmicas ecológicas que encerram as ações humanas, em nível planetário, sobre morros, planícies de inundação, ilhas, arroios e rios, entre outros, onde elas se instalam e se expandem. O autor retoma, entre outras, suas pesquisas no arquipélago das ilhas e no arroio Dilúvio, ambos situados na cidade de Porto Alegre, amplificando suas reflexões na direção de estudos que tratam dos efeitos dos processos de colonização, exploração e comercialização dos “re-

ursos naturais” no mundo contemporâneo em escala planetária e dos limites do “controle tecno-político” de seus ambientes diversos. Como muitos outros pesquisadores que contribuíram para esse livro, o autor salienta a relevância, para os dias de hoje, de se pensar a memória ambiental no interior de estudos sobre as “conetividades ecossistêmicas” e as “diferenças de escalas” nas quais transcorrem as ações das sociedades humanas sobre seus territórios de vida, com especial destaque à repercussão de ambas para o estudo do fenômeno urbano industrial sobre as bacias hidrográficas nas quais se instalam.

No capítulo 6, uma colega, sem vínculo direto com nosso projeto BIEV, mas parceira de outros projetos com Ana Luiza Carvalho da Rocha na FEEVALE, universidade na cidade de Novo Hamburgo (RS, Brasil), onde ambas lecionam, premeia-nos com seu capítulo intitulado *Trabalho, relações étnico-raciais e paisagem urbana ao sul do Brasil*. Margarete Fagundes Nunes aborda a relação entre trabalho, identidades étnico-raciais e paisagem urbana na região do Vale dos Sinos/RS. Assinala os conflitos sociais e ambientais, as crises e rupturas do mundo do trabalho. Trata-se de resultado de pesquisa cujo objetivo foi compreender os deslocamentos populacionais da região dos Sinos, a rítmica das ocupações territoriais, o fluxo das transformações do mundo do trabalho e as paisagens urbanas à luz das relações étnico-raciais. Neste capítulo, são objetos de reflexão as narrativas etnobiográficas de alguns moradores da região. A partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa, os “narradores do trabalho”, expoentes da memória ambiental da região dos Sinos/RS e das suas paisagens citadinas, percorremos suas trajetórias, assinalando os arranjos, as negociações e os conflitos entre os diferentes grupos étnico-raciais ao longo do tempo, na disputa pelos recursos naturais e pela ocupação territorial. Podemos dizer que Margarete Fagundes Nunes, com o Capítulo 6, abre o módulo que relaciona a memória do trabalho e a memória ambiental.

Memória ambiental, memória do trabalho, crise e descontinuidade da vida ritmada pelo trabalho são evocações que o autor Guillermo Stefano Rosa Gómez traz no capítulo 7, intitulado *Quando a ferrovia encontra a campanha: memórias e paisagens ferroviárias no sul do Brasil*. Guillermo desenvolveu um estudo etnográfico na cidade de Pelotas

(Rio Grande do Sul) por cerca de cinco anos. Sua motivação temática converge com o mundo do trabalho ferroviário em um contexto urbano, no qual essa estrutura de transporte desempenhou um papel fundamental na política econômica do Estado-Nação, em expansão na fronteira sul do Brasil.

A partir de uma interlocução intensa com trabalhadores aposentados da Rede Ferroviária Federal (RFFSA), o autor reconhece os atravessamentos de imagens que suas narrativas trazem às ambiências citadina e rural. Pelotas, uma cidade agroindustrial de origem latifundiária e escravista, foi modernizada no século XX, sendo um dos mais destacados polos de mediações comerciais e industriais, graças ao complexo da rede ferroviária. A ferrovia, em suas diferentes formas, enraizou uma importante comunidade do trabalho “moderno”, que se evidencia no estudo da memória coletiva desses operários.

O autor está atento às contradições e descontinuidades entre esses ciclos temporais e as sobreposições das experiências vividas nas paisagens urbanas e rurais, fazendo vibrar a memória ambiental nos múltiplos arranjos da vida social nas lembranças dos narradores ferroviários.

Outro capítulo que nos é caro, e que processa a relação entre trabalho e ambiente, é o estudo de Pamela Jorquera. O capítulo 8 tem no título o nome da cidade e identifica os trabalhadores guardiões da memória, *Inca de Oro (Chile)*, lugar onde a memória *pirquinera reverbera*. Este é o trabalho da extração do mineral que reuniu, em período auge, uma população de mineiros neste enclave, contexto de expansão promovido igualmente pelo serviço do sistema ferroviário, ligando o pequeno vilarejo aos centros urbanos mais desenvolvidos.

Na ambiência desértica prospera a comunidade de interesse econômico, criando vínculos de família, parentesco e vizinhança que se enraízam na localidade. A autora inicia sua pesquisa no ano 2014, quando a economia já retroagia por seu esgotamento. Atenta à escuta dos velhos aposentados, esposas, viúvas e novas gerações, a pesquisadora mapeia a rotina na paisagem em crise, considerando as formas de sociabilidade e de organização social na cidade cadenciada por este ritmo letárgico. Pamela relata estes convívios, deslocamentos e imagens que testemunham a vida cotidiana na cidade de vocação econômica, agora em crise.

E como os estudos de memória ambiental não se referem exclusivamente ao que se tem por hábito classificar como “ambiente”, “natureza”, “recursos naturais”, mas abarca o ambiente cósmico e social, no capítulo 9, *Das sociabilidades às socialidades do mercado: um ensaio sobre formas, relações e encontros*, temos a contribuição dos estudos de Viviane Vedana, nossa parceira de pesquisa de longa data junto ao BIEV, sobre o mundo do trabalho, as práticas alimentares e as socialidades, no contexto das grandes metrópoles contemporâneas.

A autora retoma suas pesquisas etnográficas de mestrado e doutorado em feiras livres na cidade de Porto Alegre e de São Paulo, agora revisitada por suas preocupações mais recentes com os estudos dos projetos de infraestruturas no mundo contemporâneo (as *plantations*, as fábricas, as transações internacionais, as cadeias de suprimento e de produção de alimentos) e seus efeitos na transformação das práticas cotidianas dos grandes centros urbanos e, em decorrência, em suas paisagens.

Essas situações, tratadas em muitas abordagens de forma isolada conformam, sob o olhar da autora, um conjunto sistêmico integrado onde o etnógrafo, ao mesmo tempo em que descortina os saberes e fazeres dos indivíduos e/ou grupos urbanos, adentra às dinâmicas de compra e venda, às tecnologias de transporte, de armazenamento e de conservação de alimentos, às redes de comunicação entre produtores, intermediários e comerciantes, às instituições de abastecimento e instituições de controle sanitário etc. Descortinam-se, assim, para os estudos de memória ambiental novas possibilidades, agora sob o olhar dos estudos das políticas urbanas, dos projetos de governança e do tempo progressista nos quais emerge, assim, o impacto que resulta para os arranjos das trocas sociais, econômicas e de sociabilidade que conformam as paisagens das nossas grandes metrópoles contemporâneas.

Pedro Paulo Soares assina a autoria do capítulo 10. Este autor desenvolveu sua pesquisa de trabalho de conclusão em Belém sobre o ofício de sapateiros, seu mestrado em Porto Alegre sobre o trabalho de barbeiros, mas, em sua pesquisa de doutorado, dá uma guinada. Retorna a Belém, agora influenciado pelo tema memória ambiental, desenvolvido no projeto BIEV, em suas pesquisas sobre saneamento e águas urbanas. O capítulo intitula-se *Memória ambiental das águas urbanas na Bacia do Una, em Belém (PA)*. Atento às águas subterrâneas, canalizadas, mas po-

luídas, o autor pesquisa as territorialidades em que percorrem a bacia do Una, territórios estes submetidos às reformas urbanas que canalizaram e cobriram as águas em que habitantes se banhavam, pescavam e conviviam, acompanhando seu ciclo de cheias e secas. Agora a bacia, submetida à tecnificação, invisibiliza os cursos naturais de rios e igarapés. As enchentes constantes nos bairros desfavorecidos de equipamentos urbanos, destruindo o patrimônio construído, penalizam uma população que já vive em condições vulneráveis e que reclama da falta de gestão técnica na política de saneamento. O autor relata estas situações críticas, que estão na origem de inúmeros conflitos que analisa, à luz do conceito de ambientalização dos conflitos de José Sérgio Leite Lopes.

O Capítulo 11 é de Ana Luiza Carvalho da Rocha e tem por título *Paisagens hídricas e memória ambiental: sobre imaginários e identidades uma etnografia de águas urbanas no Landwehrkanal, Berlim*. Graças a um curto período de pós-doutorado em Berlim, Alemanha, na Universidade Livre de Berlim, a autora desenvolveu um estudo etnográfico em diferentes bairros, seguindo as águas urbanas. Neste estudo, a autora retoma o imaginário da floresta e dos pântanos na memória coletiva dos povos germânicos, seus personagens fantásticos e mitos fundacionais para a compreensão da bacia semântica de onde emerge o paisagismo que acompanha a gestão de águas urbanas em Berlim, tendo o Lanwehr canal como foco de investigação.

O capítulo 12, e último, é de Cornelia Eckert, intitulado *O tempo e as árvores, etnografia em Athens (EUA) e Porto Alegre (Brasil)*. Neste capítulo, Cornelia buscou problematizar o tema da memória ambiental, tendo por estudo de caso as árvores como base para o fomento de um acervo de imagens. Esta coleção resulta do exercício da etnografia da duração que implica a disponibilização das imagens estudadas em plataforma eletrônica do BIEV. A autora relaciona experiências de pesquisa etnográfica de rua, de pesquisa de acervo, de escuta de narrativas de habitantes nas cidades de Athens e Porto Alegre. Athens, porque foi nesta cidade que desenvolveu um breve período de pós-doutoramento, sob a orientação do colega Prof. Donald R. Nelson, e Porto Alegre, por ser sua cidade-contexto de pesquisa desde 1996.

A árvore, em seus sentidos polissêmicos na paisagem, na memória dos habitantes, na política ambiental das cidades pesquisadas, é colo-

cada em alto relevo. Apreendida pela autora como mote para narrar experiências temporais a partir de pequenas historietas que percorrem processos históricos, sociológicos, políticos e, sobretudo, ambiental, vislumbra um giro pela ecologia do espírito urbano.

Por fim, explicamos para os leitores e leitoras que as legendas das figuras dos capítulos 03, 11 e 12 encontram-se no final de cada capítulo, antes das referências.

Referências

- BACHELARD, G. *L'intuition de l'instant*. Paris: Stock, 1992.
- BACHELARD, G. *La dialectique de la durée*. Paris: Quadrige/PUF, 1982.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1984.
- DURAND, G. *Science de l'homme et tradition*. Paris: Albin Michel, 1998.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *Antropologia da e na cidade*. Porto Alegre: Marcavisa, 2013.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *Etnografia de rua*. Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- ROCHA, A. L. e ECKERT, C. *A cidade e o tempo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. *Etnografia da duração*. Porto Alegre: Marca Visual, 2014.
- ROCHA, A. L.; ECKERT, C. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. Brasília: ABA, 2016.
- SIMMEL, G. *A filosofia da paisagem*. Covilhã: LusoSofia, 2009.
- VELHO, G. *Individualismo e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- WALLON, H. Le rôle de l'autre dans la conscience du moi. In: *Enfance*, tome 12, n°3-4, 1959. Psychologie et Éducation de l'Enfance. pp. 277-286. Disponível on line: https://www.persee.fr/doc/enfan_0013-7545_1959_num_12_3_1443. Acesso em: jun. 2020.